



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### CAIO FERNANDO ABREU E O HOMOEROTISMO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Maria Aparecida da Costa

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – cidaminas@hotmail.com*

Com uma literatura instigante e de grande valor estético, o escritor Caio Fernando Abreu traz em seus contos assuntos importantes para o cenário da contemporaneidade que até então não eram debatidos na literatura canônica. Temas como: homoerotismo, solidão e doenças tabus, são constantes em suas obras. Entretanto, seus textos ainda são vistos com reserva por uma parcela da academia, bem como por uma boa parte da sociedade reacionária e preconceituosa. Mas, a qualidade literária desse escritor e a importância de seus temas fazem com que sua obra resista e com isso coloca em pauta temas caros ao momento atual como a homofobia e a violência causadas por este tipo de preconceito. Nessa perspectiva, pretendemos com esse estudo, discutir a violência psicológica, física e social sofrida pelas personagens homoeróticas nos contos, “Aqueles dois” e “Sargento Garcia”, bem como discutir a importância da obra de Caio Fernando Abreu no cenário da literatura contemporânea.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu, contos, Homoerotismo, violência.

#### INTRODUÇÃO

O século XXI chegou e parcela da sociedade ainda se prende, de maneira preconceituosa e violenta, a questões como o que é certo ou errado nas relações humanas. Nesse sentido, aparecem escritores, que podem ser incluídos no que Antonio Candido (2000) denomina como nova narrativa, ou seja, uma narrativa despreocupada com a moda, mas preocupado com um modo. Uma forma “realista” de ver as coisas de acordo com novos tempos, interessados em desvincular-se de paradigmas pré-estabelecidos. A literatura de Caio Fernando Abreu pode ser analisada por esse prisma. Uma literatura instigante em que o escritor imprime no seu texto assuntos que ainda são vistos com muito preconceito e reservas pela sociedade. Temas como, homoerotismo, solidão e doenças são constantes em suas obras, ora com melancolia ou pureza, ora com uma espécie de violência crua, despida de piedade. Nessa perspectiva, pretende-se, neste artigo, discutir a violência ao homossexual a partir dos



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

contos: *Aqueles dois* e *Depois de Agosto*, textos que mostram a agressividade do sujeito social que discorda da forma de vida do outro.

Os contos em questão giram em torno de uma mesma temática, todos eles falam de alguma forma sobre a violência sofrida pelas personagens, todas elas homossexuais, característica marcante na obra de Caio Fernando Abreu. O escritor traz à tona o personagem homossexual e as questões que giram em torno dessa temática, no caso em foco aparece o tema da violência gerada pela intolerância aos sujeitos que se arriscam viver de acordo com sua natureza e vontade. Como pontua Tânia Pellegrini (1999), este tema só surgiu, dessa forma, no Brasil, a partir de 1980, definindo um descentramento em relação à fala dominante, que normalmente era heterossexual ou masculina.

Os contos dos quais trataremos aqui, *Aqueles dois* e *Sargento Garcia*, estão no livro *Morangos Mofados* que é dividido em três partes: o mofo, os morangos e morangos mofados. Tanto o conto *Aqueles dois* como *Sargento Garcia* estão na parte dos morangos. Um fruto carregado de simbolismos, e, portanto, não menos simbólico nesse conto. Na cultura de uma tribo indígena o morango simboliza a boa estação, pois é uma fruta do verão, uma fruta vital. O que pode ser interpretado como ironia na obra de Caio Fernando Abreu, pois suas personagens são angustiadas e cerceadas pela própria condição/opção de vida.

Observamos nos contos em foco que seus personagens principais são vigiados, julgados e condenados por uma violência social que ora aparece de forma simbólica, como em *Aqueles dois*, em que aparece um casal de rapazes, funcionários públicos, que tentam estabelecer uma relação amorosa em um ambiente de serviço público; ou pode aparecer de forma explícita e física como no conto *Sargento Garcia*, em que a personagem gay é estuprada por um sargento e é obrigada a aguentar calado a violência por ser um subordinado. Desse modo, percebemos que independente da forma de violência, as personagens das obras em análise sofrem abusos da sociedade por não seguir as regras ditas normais. Sobre a violência, sabemos a partir de estudos sobre a história da humanidade que ela sempre existiu e foi aplicada aos diferentes, subordinados, mais fracos ou minorias. Como pontua Nilo Odália (1983) “por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sempre aparece em suas várias faces” (p.13). Entendemos, pois, que oprimir aquele que é julgado como inferior faz parte da história humana, mostra poder e está intrínseco em uma sociedade moralista e hipócrita.

Conforme pontua Odalia,

Nossas relações com outros homens e com a sociedade são cada vez mais distantes e indiretas. São sempre mediatizadas por formas e instituições que camuflam o fato de que numa sociedade de homens, o elemento essencial são as relações entre eles. Esse processo de afastamento do homem do homem se acentua com a idade, pois é quando somos adultos que o processo de fragmentação pessoal atinge sua intensidade máxima. O homem não se reconhece nos outros e a própria sociedade só é entrevista, só é desvendada parcialmente (1983, p.33).

O homem por recusar seus desejos prefere agredir o outro como forma de se proteger de seus demônios e do medo de enfrentamento da sociedade opressora.

### “AQUELES DOIS”: O PODER DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Observamos no conto “Aqueles dois” a relação de duas pessoas, no caso dois homens, saindo de relacionamentos tradicionais - homem e mulher – e que se veem atraídos por outra forma de amor, um amor homossexual. O subtítulo do conto “história de aparente mediocridade e repressão”, já mostra claramente como o relacionamento será visto pelos que cercam os rapazes que ousam sair dos padrões e normas sociais estabelecidos, revelando um preconceito que vai da forma velada ao assédio moral. A narrativa se desenvolve de forma delicada e sutil, mostrando as primeiras trocas de olhares e carinho das personagens e suas angústias pela novidade do acontecimento. Desse modo, as personagens que naquele momento já se encontravam separadas das esposas se deixam levar pelo novo sentimento:

Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? Sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

gente, afinal, nunca sabe onde esta pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou no máximo, às sextas, um cordial bom-fim-de-semana-então. Mas desde o princípio alguma coisa – fados, astros, sinais, quem saberá? – conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois (ABREU, 1996, p. 134).

A partir de então as coisas estão fadadas a não pararem de acontecer. E Raul e Saul começam a usufruir o que têm em comum. Que vai desde o pensamento, que é diferenciado do restante dos funcionários onde ambos trabalham, até o gosto por músicas e outras coisas. Submersos em seus mundos os dois não percebem que a amizade que está se firmando entre eles não é bem vista pelos colegas de trabalho que os elegem como assunto principal nos momentos de café. Cegos aos olhares dos colegas de repartição, os rapazes vão estreitando a amizade e descobrindo um novo mundo:

Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. Nesse dia as moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem as duas ou três piadas enigmáticas (ABREU, 1996, p. 139).

De forma inconsciente eles mantinham às escondidas a amizade, e sem planejar a maioria dos encontros acontecia de forma meio camuflada. Isso pode ser melhor percebido quando, como se previsse o preconceito, Saul sonha com as pessoas da repartição onde trabalha, de luto, justamente no momento em que Raul estava ausente. Este havia ido para o velório da mãe. A cor negra do luto que aparece no sonho de Saul, nos remete o quanto as personagens estavam submersas em um cenário de puro preconceito, e alude ao abismo que seria conviver com aquelas pessoas tão preconceituosas. Como pontua Nilo Odalia, “nesse sentido, viver em sociedade significa criar normas de comportamento, que não só determinam esferas específicas de ação para os homens, mas também criam a discriminação” (1983, p.37), ou seja, no conto os “amigos”, Raul e Saul, estavam inseridos em um contexto social



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pré-estabelecido, em que não cabia um tipo de relacionamento daquela natureza, e para não serem agredidos pelos colegas de trabalho terão que se adaptar ou desistir do contexto deles, uma vez que a violência social e psicológica estava estabelecida.

Diferente das pessoas da repartição, que aparecem no sonho de Saul vestidas de negro, Raul reaparece, após o velório da mãe, de branco, sem luto. Representando a pureza, afinal a relação dos dois era pura. A impureza estava na sociedade que ia tentar aniquilá-los. A mãe de Raul havia morrido, mas uma nova vida começava a nascer. A partir da morte da mãe, que também simboliza libertação, nota-se que a relação do casal evolui, pois Raul estava livre das amarras da família. E é justamente depois dessa morte que eles estreitam os contatos físicos: “sem perceber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão e, quando percebeu, seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente” (ABREU, 1996, p.115).

As personagens não chegam a concretização carnal da relação enquanto trabalham na repartição, “prédio grande e antigo, parecido com uma clínica ou uma penitenciária” (ABREU, 1996, p.116). Isso simbolicamente mostra na severidade do prédio o pensamento austero de seus ocupantes. Pessoas cheias de preconceito, hipocrisia e violência. Dessa forma, a consumação da relação é sugerida no final do conto, quando são destituídos do cargo e pela primeira vez pegam um táxi juntos, ou seja, saem juntos para uma nova vida; é como se ficassem, a partir daquele dia, livres de uma prisão estranguladora, deixando para trás pessoas infelizes e frustradas, presas, incapazes de dar um basta na hipocrisia e de viver uma vida de verdade, com prazer.

### **“SARGENTO GARCIA”: SUFOCANDO O OUTRO SUFOCO MEU DESEJO**

Em “Sargento Garcia”, o foco é a homofobia e o homossexualismo nas forças armadas. De forma camuflada pela violência física e brutalidade, a relação de poder é explícita nesse texto, o forte, representado pela patente do superior reprime e agride o fraco em sua posição de subordinado. Vejamos:



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

— Está com medo, molóide?

— Não, meu sargento. É que.

O rebenque estalou outra vez na bota. Couro contra couro. Seco. A sala inteira pareceu estremecer comigo. Na parede, o retrato do marechal Castelo Branco oscilou. Os risos cessaram. Mas junto com o zumbido do sangue quente na minha cabeça, as pás ferrugentas do ventilador e o vôo gordo das moscas, eu localizava também um ofegar seboso, nojento. Os outros esperavam. Eu esperava. Seria assim, um cristão na arena? pensei sem querer. O leão brincando com a vítima, patas vadias no ar, antes de desferir o golpe mortal (ABREU, 1996, p. 78).

Vemos, pois, um sargento usar da patente para humilhar os seus subordinados, mas em um tipo de humilhação machista, preconceituosa. Vê-se que a fotografia do marechal na parede aparece como marcador temporal e para enfatizar a questão da repressão simbolizada pela ditadura militar. O tempo cronológico do conto é marcado a partir do momento do alistamento e depois de sua saída do espaço militar, quando é abordado pelo seu superior e induzido a aceitar uma carona. A violência psicológica que começara no quartel é associada a outro tipo de violência, a física. Embora Hermes saiba que ali o contexto seja outro, o medo e o poder estampados na figura do sargento fazem com ele aceite a carona:

Entrei. O cigarro moveu-se de um lado para outro na boca, enquanto a mão engatava a primeira. Um vento entrando pela janela fazia meu cabelo voar. Ele segurou o cigarro, Continental sem filtro, eu tinha visto, entre o polegar e o indicador amarelados, cuspiu pela janela, depois me olhou.

-Ficou com medo de mim? (ABREU, 1996, p.82).

E, a partir do contado de Hermes com o sargento, o garoto começa a se perceber no mundo. Percebendo, sobretudo, que o olhar do sargento para ele iria além de um olhar de militar a observar seus subordinados. Com isso Hermes se sente frágil, se vê como: “uma presa succulenta, carne indefesa e fraca” (ABREU, 1996, p. 79). Diante disso, ele começa a devanear sobre as grandes personagens femininas do cinema e nos cavaleiros que as salvavam



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

quando estavam prestes a serem atacadas. Mas ele não tem a sorte das “mocinhas” do cinema e por isso teme as intenções do sargento.

O sargento tem consciência do poder que exerce sobre o garoto. A todo tempo ele faz questão de enfatizar que ele é mais forte, fisicamente e socialmente. O sargento leva o garoto para uma espécie de Bordel. E com seu poder de coação, seduz Hermes.

A intimidade com que o sargento trata “a dona” do estabelecimento deixa claro que essa era uma prática comum por parte dele. Pois assim que chega “a senhora” diz:

O de sempre, então? \_ ela perguntava, e quase imediatamente corrigi, dentro da minha própria cabeça, olhando melhor e mais atento, ele, dentro do robe colorido desses meio estofadinhos, cheio de manchas vermelhas de tomate, batom, esmalte ou sangue. \_ O senhor, hein, sargento? \_ piscou íntimo, íntima, para o sargento e para mim.  
\_ Esta é a sua vítima? (ABREU, 1996, p. 83).

Quando Isadora, a dona do bordel, chama o Hermes de vítima, corrobora com a ideia de que era prática comum do sargento violentar os meninos. A partir de então o que se nota é puramente um ato de violência física contra o garoto.

Já no quarto sujo do lugar, o sargento começa o assédio direto, ou seja, o ataque. O que perturba o menino, que embora se mostre o tempo inteiro com dúvidas em relação a sua opção sexual, é a forma agressiva que o sargento usa para aborda-lo. Ele fica com medo e teme o que pode lhe acontecer. Mesmo curioso e com vontade de se encontrar Hermes teme a violência do militar:

A porta fechou. Sentei na cama, as mãos nos bolsos. Ele foi chegando muito perto. O volume esticando a calça, bem perto do meu rosto. O cheiro: cigarro, suor, bosta de cavalo. Ele enfiou a mão pela gola da minha camisa, deslizou os dedos, beliscou o mamilo. Estremeci. Gozo, nojo ou medo, não saberia. Os olhos dele se contraíram.  
\_ Tire a roupa. (Idem, 1996, p. 89).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O garoto se desespera com a situação e tenta se livrar do sargento. Esse irritado com as negativas do menino o obriga a aceitá-lo. Mesmo que seja a força:

Seu puto – ele gemeu – Veadinho sujo. Bichinha-louca.

Agarrei o travesseiro com as duas mãos, e num arranco consegui deitar novamente de costas. Minha cara roçou contra a barba dele. Tornei a ouvir a voz de Isadora *que mais me podes dar que mais me tens a dar a marca de uma nova dor* (ABREU, 1996, p. 90).

A voz da “dona” do bordel ilustra o sentimento de angústia do rapaz sendo violentado, a música vai de certa forma pontuando o estado de espírito do menino. Que era de total desespero, preso nas mãos de um sujeito paradoxalmente machista, já que sua profissão e seu modo de ver a vida não permitiriam que o sargento tivesse um comportamento homo ou bissexual. Mas cego diante de sua fúria, contra Hermes, o sargento continuou com o ataque violento de estupro:

As mãos agarraram minha cintura. Comprimiu o corpo inteiro contra o meu. Eu podia sentir os pelos molhados do peito dele melando minha pele. Quis empurrá-lo outra vez, mas entre o pensamento e o gesto ele juntou-se ainda mais a mim, e depois um gemido mais fundo, e depois um estremecimento no corpo inteiro, e depois um líquido grosso morno viscoso espalhou-se pela minha barriga. Ele soltou o corpo. Como um saco de areia úmida jogado sobre mim (ABREU, 1996, p.90).

Destacando a relação de poder do militar diante do garoto, percebemos, sobretudo, um adolescente atormentado que ainda não se descobriu sexualmente, mas que não está em situação confortável para descobrir-se. Isso é corroborado quando, depois do estupro, Hermes consegue fugir e corre perdido, como se percebe no excerto a seguir:

Subi correndo no primeiro bonde, sem esperar que parasse, sem saber para onde ia. Meu caminho, pensei confuso, meu caminho não cabe nos trilhos de um bonde. Pedi passagem, sentei, estiquei as pernas. Porque ninguém esquece uma mulher como Isadora, repeti sem entender, debruçado na janela aberta, olhando as casas e os verdes do Bonfim, Eu não o conhecia. Eu



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nunca o tinha visto em toda a minha vida. Uma vez desperta não voltará a dormir (ABREU, 1996, p.92).

Se sentindo invadido por um mais forte, o conto mostra também a relação de poder sendo colocada em prática. Nilo Odalia pontua que violência é quando você é privado de alguma coisa, seja ela um bem material ou uma escolha, qualquer que seja, pois:

Privar significa tirar, destituir, despojar, desapossar alguém de alguma coisa. Todo ato violento é exatamente isso. Ele nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como cidadãos. A violência nos impede não apenas ser o que gostaríamos de ser, mas fundamentalmente de nos realizar como homens (ABREU, 1996, p. 86).

Embora a posição do sargento tendo desejado o garoto, de forma nada convencional para ele, desperte sua estranheza como um militar e suas aspirações nada ortodoxas, este usa da força física para legitimar seu ato bruto com relação ao sujeito fraco. O seu desejo por um homem é vingado na punição que aplica ao objeto desejado, com isso o militar castiga o outro em função de sua não aceitação sexual.

### **Considerações finais**

Observamos, a partir da leitura dos contos “Aqueles dois” e “Sargento Garcia”, que a sociedade age de acordo com as convenções e os moldes pré-estabelecidos no que diz respeito ao comportamento social. Sendo assim, o sujeito que não consegue escapar dos paradigmas e viver sua vida de forma livre é sufocado por um sistema que o leva a sufocar, massacrar e ferir o outro. Ocorre uma espécie de sentimento de vingança por aquele que ousa sair do lugar confortável e viver a própria vida. Os diversos tipos de segmentos da sociedade tem seu modo particular de brutalidade para com as pessoas que vivem fora dos paradigmas estabelecidos por elas. Dessa forma, vê-se nos contos analisados que de forma suave, normal



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ou brutal, Caio Fernando Abreu trata de questões contemporâneas sem perder de vista a matéria literária.

### REFERÊNCIAS

ABREU, C. F. *Morangos Mofados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

ODALIA, N. *O que é violência*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PELLEGRINI, Tânia. História de um novo tempo: Caio Fernando Abreu. In. *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea*. Campinas: FAPESP, 1999.